

Resenha – Tradução de HEGEL, G. W. F. Ciência da Lógica: I. A Doutrina do Ser

Paulo Roberto Konzen¹

Inicialmente, convém apresentar os dados bibliográficos da obra traduzida:

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831). *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*. Traduzido por Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2016. 464 p. ISBN 9788532653086.

Título original alemão: *Wissenschaft der Logik: I. Erster Teil. Die objektive Logik. Erstes Buch: Die Lehre vom Sein*. Traduzido do original alemão, publicado em *G. W. F. Hegel Werke in 20 Bänden*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 1970. Band 5. 457 p.

A obra é fruto do trabalho hercúleo dos *tradutores*: Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini, com a participação ainda do *coordenador* da tradução: Agemir Bavaresco e dos *colaboradores*: Michela Bordignon, Tomás Farcic Menk, Danilo Vaz-Curado R. M. Costa e Karl-Heinz Efken. Uma equipe grande e qualificada para, finalmente, traduzir para o português uma obra monumental² de mais de duzentos anos.

Sobre a obra, em resumo, convém citar a própria “Apresentação” (p. 7-18) do livro, escrita por Christian Iber, o qual, na p. 7, afirma:

A Ciência da lógica (Wissenschaft der Logik) é uma obra de dois volumes do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-

¹ Professor Adjunto - Doutor da UNIR (Universidade Federal de Rondônia). E-mail: prkonzen@unir.br

² Cf. Orelhas do livro e Nota publicitária do livro: “Esta é uma obra monumental da história da filosofia, tanto pela profundidade de seu esforço de reconstrução das categorias lógicas quanto pela pluralidade contrastante de linhas de acesso a seu significado. Desse clássico, articulado em duas partes - lógica objetiva e lógica subjetiva - e em três livros - Doutrina do Ser, Doutrina da Essência e Doutrina do Conceito - apresentamos ao público o primeiro livro, a Doutrina do Ser, em sua primeira tradução integral para o português, a partir da segunda edição (1832), ampliada e revisada pelo próprio Hegel.” Texto de Agemir Bavaresco, Federico Orsini e Marloren Miranda.

1831), a qual foi primeiramente publicada em Nuremberg, entre 1812 e 1816. A Lógica se estrutura em uma “Lógica Objetiva” – a Doutrina do Ser e da Essência – e uma “Lógica Subjetiva” – a Doutrina do Conceito. O primeiro volume da Lógica contém o primeiro livro, a Doutrina do Ser (1812), a primeira parte da Lógica Objetiva. O segundo volume da Lógica compreende o segundo livro, a Doutrina da Essência (1813), que ainda pertence à primeira parte da Lógica, isto é, à Lógica Objetiva, e a segunda parte da Lógica, a Lógica Subjetiva, ou seja, a Doutrina do Conceito (1816).

Assim, a obra traduzida é o primeiro volume da *Ciência da Lógica*, isto é, o primeiro livro, intitulado a *Doutrina do Ser* (1812/1832)³, que é a primeira parte da *Lógica Objetiva*.

Além disso, Iber fala ainda da “necessidade de oferecer aos falantes do idioma português, a sexta língua mais falada no mundo, a oportunidade de terem acesso, em seu próprio idioma, a esta importante obra filosófica”, isto é, “uma das principais obras do pensamento de Hegel”, uma “obra de fundamental importância para o pensamento filosófico” ou “uma das mais importantes contribuições da filosofia alemã do século XIX à história da filosofia” (p. 7-8).

Sobre isso, convém citar Dieter Henrich, que, já em 1971, afirmava:

Quem quer entender Hegel esteve por mais de um século sozinho consigo mesmo. Ele não encontrava nenhum

³ Convém registrar, cf. “Nota dos Tradutores”, p. 19, que “o primeiro livro da *Ciência da Lógica* [isto é, a mencionada *Doutrina do Ser*,] foi publicado pelo editor J. L. Schrag em Nuremberg e recebeu uma tiragem de mil exemplares”, em 1812. “O esgotamento gradual das cópias induziu o próprio Schrag a empreender uma segunda edição. Hegel aceitou e aproveitou a ocasião para remediar a imperfeição na qual, a seu ver, a primeira edição ainda se encontrava. A nova edição foi levada a cabo em 1831, conforme a datação contida no segundo Prefácio, escrito por Hegel depois de ele ter terminado a obra. Por causa da imprevista morte do filósofo, que ocorreu uma semana depois da data do segundo Prefácio, a segunda versão da Doutrina do Ser foi publicada postumamente em 1832 pelo editor J. F. Cotta de Stuttgart”. Além disso, na “Apresentação” (p. 7-18), de Christian Iber, na p. 9, consta: “Na tradução do primeiro livro da *Ciência da lógica* de Hegel aqui apresentada, isto é, a Doutrina do Ser, trata-se do texto da segunda edição de 1831, a qual foi publicada em 1832. Frente à primeira edição da Doutrina do Ser de 1812, a segunda edição é consideravelmente mais ampla.” Assim sendo, a tradução é realizada a partir da segunda edição, isto é, de 1832.

comentário, ajuda na leitura, ao invés disso apenas [encontrava] os que queriam substituí-la. [...] Sobretudo os ensaios [ou estudos] sobre a Lógica de Hegel apontam para a situação insatisfatória [...]. Afinal, enquanto a obra fundamental de Hegel é um livro codificado⁴, resta apenas falar sobre dialética, mas não pensar [dialética].⁵

No caso, Henrich destaca a *Ciência da Lógica* como sendo “a obra fundamental de Hegel” (*Hegels Grundwerk*), cuja “apreensão” (*Ergreifung*) é essencial para “apreender” (*ergreifen*) ou “conceituar” (*begreifen*), por exemplo, o “conceito” (*Begriff*) hegeliano de “momento dialético, a negatividade” (*dialektische Moment, die Negativität*) ou momento “dialético ou da razão-negativa” (*dialektische oder negativ-venünftige*) e sua diferença em relação ao momento “especulativo ou da razão-positiva” (*spekulativ oder positiv-venünftige*). Não compreender⁶ tal diferença, entre outras, é não (re)conhecer de forma apropriada a sua teoria sistemática e dialético-especulativa, que busca ser uma “ciência especulativa - filosófica” (*spekulativ - philosophische Wissenschaft*), sempre em busca do “conhecimento” ou do “saber especulativo” (*spekulativ Erkenntnis - Wissen*).

Sobre isso, nas “Orelhas” do livro, inclusive afirma-se: “A *Ciência da Lógica* constitui o núcleo da filosofia de Hegel, pois explicita o método dialético-especulativo e, ao mesmo tempo,

⁴ *verschlüsselt* Buch = livro codificado, criptografado, cifrado. Verbo *verschlüsseln* = codificar, criptografar, cifrar; isto é, 1. tornar incompreensível, com observância de normas especiais consignadas numa cifra ou num código, o texto de (uma mensagem escrita com clareza); 2. codificar (uma informação) de forma a tornar difícil sua decodificação sem a chave adequada.

⁵ HENRICH, Dieter. *Hegel im Kontext*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1971. p. 7 [TP]: „Wer Hegel verstehen will, war über mehr als ein Jahrhundert mit sich allein. Er fand keinen Kommentar, der beim Lesen half, statt es nur ersetzen zu wollen. [...] Vor allem die Aufsätze zu Hegels Logik zielen darauf, die unbefriedigende Situation [...]. Immerhin läßt sich über Dialektik nur reden, aber nicht denken, solange Hegels Grundwerk ein verschlüsselt Buch ist.“

⁶ Isso lembra a afirmação de Lênin, escrita em 1914, a saber: LÊNIN, Vladimir I. *Cadernos sobre a dialética hegeliana*. Trad. José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. p. 157: “Aforismo: não se pode compreender plenamente *O Capital* de Marx, e particularmente o seu primeiro capítulo, sem ter estudado e compreendido *toda a Lógica* de Hegel. Portanto, meio século depois de Marx, nenhum marxista o compreendeu!”

apresenta a rede conceitual⁷, que atravessa todo o sistema e o articula pela contradição como fonte de movimento produtivo de verdade, e sempre aberto a novas figurações”.

⁷ Para constatar os diversos conceitos apresentados tão somente na *Doutrina do Ser da Ciência da Lógica* convém olhar, por exemplo, o “Índice Geral” da obra, a saber: “Prefácio à primeira edição (1812); Prefácio à Segunda Edição (1831); **Introdução**; Conceito geral da lógica; Divisão geral da lógica; **Primeiro livro - DOUTRINA DE SER**; Com o que precisa ser feito o início da ciência?; Divisão geral de ser; **Primeira seção** - Determinidade (qualidade); **Primeiro capítulo** – Ser; A. Ser; B. Nada; C. Devir; a) *Unidade do ser e do nada*; Observação 1 [A oposição do ser e do nada na representação]; Observação 2 [Insuficiência da expressão: unidade, identidade do ser e do nada]; Observação 3 [O isolar dessas abstrações]; Observação 4 [Incompreensibilidade do início]; b) *Momentos do devir*; c) *Suprassumir do devir*; Observação [A expressão: “suprassumir”]; **Segundo capítulo** - O ser aí; A. Ser aí como tal; a) *Ser aí em geral*; b) *Qualidade*; Observação [Realidade e negação]; c) *Algo*; B. A finitude; a) *Algo e um outro*; b) *Determinação, constituição e limite*; c) *A finitude*; α) *A imediatidade da finitude*; β) *A barreira e o dever ser*; Observação [O dever ser]; γ) *Passagem do finito para o infinito*; C. A infinitude; a) *O infinito em geral*; b) *Determinação recíproca do finito e do infinito*; c) *A infinitude afirmativa*; *A passagem*; Observação 1 [O progresso infinito]; Observação 2 [O idealismo]; **Terceiro capítulo** - O ser para si; A. O ser para si como tal; a) *Ser aí e ser para si*; b) *Ser para uno*; Observação [A expressão: Que tipo?]; c) *Uno*; B. Uno e múltiplo; a) *O uno nele mesmo*; b) *O uno e o vazio*; Observação [O atomismo]; c) *Múltiplos unos*. *Repulsão*; Observação [A mônada leibniziana]; C. Repulsão e atração; a) *Excluír do uno*; Observação [A proposição da unidade do uno e do múltiplo]; b) *O único uno da atração*; c) *A relação da repulsão e da atração*; Observação [A construção kantiana da matéria a partir da força atrativa e repulsiva]; **Segunda seção** - Grandeza (quantidade); Observação; **Primeiro capítulo** - A quantidade; A. *A quantidade pura*; Observação 1 [Representação da quantidade pura]; Observação 2 [Antinomia kantiana da indivisibilidade e da divisibilidade infinita do tempo, do espaço, da matéria]; B. Grandeza contínua e discreta; Observação [Separação ordinária destas grandezas]; C. Limitação da quantidade; **Segundo capítulo** - Quantum; A. O número; Observação 1 [Operações da aritmética. Proposições kantianas sintéticas *a priori* da intuição]; Observação 2 [Uso das determinações do número para a expressão de conceitos filosóficos]; B. Quantum extensivo e intensivo; a) *Diferença dos mesmos*; b) *Identidade da grandeza extensiva e intensiva*; Observação 1 [Exemplos dessa identidade]; Observação 2 [Aplicação de Kant da determinação do grau ao ser da alma]; c) *A alteração do quantum*; C. A infinitude quantitativa; a) *Conceito da mesma*; b) *O progresso quantitativo infinito*; Observação 1 [A alta opinião do progresso para o infinito]; Observação 2 [A antinomia kantiana da limitação e da ilimitação do mundo no tempo e espaço]; c) *A infinitude do quantum*; Observação 1 [A determinidade do conceito do infinito matemático]; Observação 2 [A finalidade do cálculo diferencial deduzida a partir de sua aplicação]; Observação 3 [Ainda outras formas conectadas com a determinidade qualitativa da grandeza]; **Terceiro capítulo** - A relação quantitativa; A. A relação direta; B. A relação inversa; C. Relação de potências; Observação; **Terceira seção** - A medida; **Primeiro capítulo** - A quantidade específica; A. O quantum específico; B. Medida especificante; a) *A regra*; b) *A medida especificante*; Observação; c) *Relação de ambos os lados como qualidades*; Observação; C. O ser para si na medida; **Segundo capítulo** - A medida real; A. A relação de medidas autossussistentes; a) *Combinação de duas medidas*; b) *A medida como série de relações de medida*; c) *Afinidade eletiva*;

Além disso, sem a *Ciência da Lógica*, alguém não é capaz de compreender devidamente um dos conceitos fundamentais da filosofia hegeliana, a saber, o de *aufheben – Aufhebung* (suprassumir e suprassunção), exposto por Hegel, entre outros, na p. 111:

Suprassumir e o *suprassumido* (o *ideal*) é um dos conceitos mais importantes da filosofia, uma determinação fundamental que, pura e simplesmente, retorna por todos os lados e cujo sentido precisa ser apreendido determinadamente e particularmente diferenciado do nada. – O que se suprassume, não se torna, por isso, nada. [...] *Suprassumir* tem na língua [alemã] o sentido duplo pelo qual significa tanto guardar, *conservar*, quanto, ao mesmo tempo, cessar, *pôr um fim*. O guardar mesmo já encerra em si o negativo, que algo é subtraído a sua imediatidade e, com isso, a um ser aí aberto às influências externas, a fim de conservá-lo. – Assim, o suprassumido é, ao mesmo tempo, um guardado, que apenas perdeu sua imediatidade, mas, por isso, não é aniquilado.⁸

Tudo isso, segundo Hegel, pertence ao chamado “pensar” ou ao “pensamento especulativo” (*spekulative Denken*), em que as “palavras” (*Wörter*) têm ou podem ter “significado especulativo” (*spekulative Bedeutung*); trata-se de (re)conhecer, assim, a chamada “língua técnica filosófica” (*philosophische Kunstsprache*), cf. p. 111 e 112.

Falando em “língua alemã” (*deutsche Sprache*), enquanto “língua materna” (*Muttersprache*), Hegel tinha consciência das

Observação [Berthollet sobre a afinidade eletiva e a teoria de Berzelius a este respeito]; B. Linha nodal de relações de medida; Observação [Exemplos de tais linhas nodais; sobre o fato de que não haveria nenhum salto na natureza]; C. O sem medida; **Terceiro capítulo** - O dever da essência; A. A indiferença [*Indifferenz*] absoluta; B. A indiferença como relação inversa de seus fatores; Observação [Sobre força centrípeta e centrífuga]; C. Passagem para a [Doutrina da] essência.”

⁸ 5/113-114 „*Aufheben* und das *Aufgehobene* (das *Ideelle*) ist einer der wichtigsten Begriffe der Philosophie, eine Grundbestimmung, die schlechthin allenthalben wiederkehrt, deren Sinn bestimmt aufzufassen und besonders vom Nichts zu unterscheiden ist. - Was sich aufhebt, wird dadurch nicht zu Nichts. [...] *Aufheben* hat in der Sprache den gedoppelten Sinn, daß es soviel als aufbewahren, *erhalten* bedeutet und zugleich soviel als aufhören lassen, *ein Ende machen*. Das Aufbewahren selbst schließt schon das Negative in sich, daß etwas seiner Unmittelbarkeit und damit einem den äußerlichen Einwirkungen offenen Dasein entnommen wird, um es zu erhalten. - So ist das Aufgehobene ein zugleich Aufbewahrtes, das nur seine Unmittelbarkeit verloren hat, aber darum nicht vernichtet ist.“

possíveis diferenças com uma “língua estrangeira” (*fremde Sprache*), enquanto vantagens⁹ ou desvantagens¹⁰. Ora, o grupo de tradutores, contendo até um alemão nativo, também demonstrou tal consciência, procurando uma tradução rigorosa, tendo o “cuidado de ser fiel ao texto original alemão” e ao “estilo da língua alemã”, fundamentando-se num “Glossário”, com as “escolhas de tradução para as principais palavras que compõem o vocabulário hegeliano na Doutrina do Ser”. Além disso, na “Nota dos tradutores”, p. 19-20, afirma-se:

Quanto ao estilo da presente tradução, resolvemos, sobretudo, respeitar a articulação lógica da apresentação hegeliana, procurando levar o português aos limites de suas possibilidades expressivas e, às vezes, além delas, com base na convicção de que a tarefa do tradutor não é aquela de enfeitar o estilo hegeliano, notadamente áspero e tortuoso, mas antes de permitir ao leitor acompanhar a ordem teórica do discurso. Raramente a pontuação sofreu alterações, que, em todos os casos, foram feitas com o cuidado de não quebrar a sinuosidade dos períodos hegelianos. O objetivo principal dos tradutores foi duplo: em primeiro lugar, disponibilizar a primeira tradução integral de um clássico da história da filosofia para o amplo público falante de português; em segundo lugar, evitar as oscilações ou as imprecisões lexicais que impediriam o uso seguro da tradução como instrumento de estudo específico.

Se a citada tradução alcançou ou não o objetivo acima mencionado, somente a história e os estudos posteriores poderão confirmar. Mas, agora, importa apenas registrar o louvável trabalho do grupo de tradutores, que permite o acesso, em língua portuguesa, à *Ciência da Lógica*, obra de “grande importância

⁹ Cf. p. 32: “[...] a língua alemã tem muitas vantagens diante das outras línguas modernas, até mesmo algumas das suas palavras têm a propriedade adicional de não ter somente significados diversos, mas opostos, de modo que, nesse mesmo aspecto, não se pode deixar de perceber um espírito especulativo da língua;”

¹⁰ Cf. p. 112: “Mais vezes ainda irá se impor a observação de que a linguagem técnica filosófica emprega expressões latinas para determinações refletidas, ou porque a língua materna não tem expressões para elas ou, quando as tem, como é o caso aqui, porque sua expressão lembra mais o imediato, ao passo que a língua estrangeira lembra mais o refletido.”

especulativa e fundamento de todo o sistema hegeliano”¹¹, que, apesar de sua “dificuldade”, atesta ainda a “atualidade da filosofia hegeliana” ou do “sistema hegeliano”¹².

Enfim, nossa gratidão aos que trabalharam na tradução da *Doutrina do Ser*, o primeiro livro da primeira parte (*A Lógica Objetiva*), da *Ciência da Lógica*. Aguardamos todos ansiosos a tradução ainda da *Doutrina da Essência* e da *Doutrina do Conceito*.

¹¹ NICOLAU, Marcos Fabio Alexandre. *A Ciência da Lógica no Sistema Hegeliano*. In: *Kinesis*. Vol. II, n. 03, abril, 2010, p. 144-156. p. 147: “A *Lógica*, reconhecidamente de grande importância especulativa e fundamento de todo o sistema hegeliano, se apresenta como um livro praticamente ilegível e pouco convidativo ao público não especializado. Tal dificuldade é atribuída por Höhle (2007, p. 183), ao fato de ser exigido ao leitor da *Lógica*, além de um alto grau de abstração, conhecimentos extraordinários de história da filosofia, percorrendo um cenário que vai desde a Antiguidade até o próprio Hegel, sem mencionar a história da matemática e das ciências naturais do século XIX, capacidade que, para Höhle, ninguém mais dispôs desde a morte de Hegel.” Cf. HÖHLE, Vittorio. *O sistema de Hegel*. Trad. Antônio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

¹² ROSENFELD, Denis Lerrer. *A Ciência da Lógica de Hegel como Filosofia primeira*. In: *Ágora Filosófica*, Ano 13, n. 1, jan./jun. 2013, p. 201-216. p. 201: “A *Ciência da Lógica* [de Hegel] é, propriamente falando, uma obra de Filosofia primeira, voltada à interrogação sobre o começo do conhecimento, sobre o ser e suas determinações categoriais. Em linguagem hegeliana, trata-se do ser em seu vir-a-ser, culminando na Ideia, passando pela mediação da Essência. Conhecida por sua dificuldade, a *Ciência da Lógica* apresenta inusitadas novidades para quem se aventura a lê-la como uma obra de filosofia primeira, que se articula enquanto peça fundadora em relação a todo o sistema hegeliano. A partir de uma indagação sobre as diferentes acepções do começo e, também, sobre a questão de como dizer que algo existe, a atualidade da filosofia hegeliana ganha particular relevância.”